

João, Evangelista, 27 de Dezembro

Gr.: Ioann Theologos. Lat.: Johannes Evangelista. Fr. Arc.: Jehan, Jouan, Juan; saint Jean le Divin, le Théologien. Fr.: Jean l'Évangéliste. It.: San Giovanni Evangelista (Vangelista), Apostol, Teólogo. Ingl.: St. John the Divine, the Gospellist, the Gospelwriter. Al.: Johannes Evangelist, der Theologe. Pol.: Jan Ewangelist. Rus.: Ioann Bogoslov. Hung.: János. Pt.: João Evangelista.

Apóstolo e evangelista, na Igreja grega, chamado *Theologos*, porque, melhor que ninguém, mostrou a divindade de Jesus Cristo. Em inglês, traduzido por *Divine* e em russo por *Bogoslov*, termos que se associaram ao seu nome.

1. Identificação

O bem-aventurado João foi como Anjo¹, Patriarca², Profeta³, Apóstolo⁴, Evangelista⁵, Doutor⁶, Virgem⁷, Mártir⁸. O discípulo que Jesus amava, foi natural da Galileia, de Betsaida, como o eram São Pedro e Santo André. Filho de Zebedeu e Maria Salomé e irmão menor de São Tiago maior.

A vida deste grande apóstolo, íntimo de Jesus Cristo, conhece-se a partir do que escreveram os evangelistas, nos Evangelhos, São Lucas nos Actos dos apóstolos, São Paulo nas suas epístolas, no que ele mesmo relata no seu Evangelho, nas três Epístolas e no Apocalipse e, ainda, no que os santos doutores e historiadores eclesiásticos dizem deste varão incomparável e discípulo tão querido e favorecido do Filho de Deus.

A primeira coisa que diz São Mateus, no seu Evangelho, acerca de São João, é que era pescador, como o seu irmão São Tiago e o seu pai Zebedeu. São Jerónimo refere que seriam nobres e que, por isso, João era conhecido de Caifás, sumo-sacerdote. E, por isso, pôde entrar e fazer entrar São Pedro, na casa de Caifás, no momento da Paixão do Senhor.

Estando Diogo (ou Tiago) e João, juntos com seu pai Zebedeu, limpando o barco e preparando as redes para a pesca, o Senhor chamou os dois irmãos e ordenou-lhes que o seguissem. Foram tão obedientes àquela voz que deixaram o barco, o ofício e a profissão de pescadores, e mais, sua casa, pai e mãe, e seguiram-no, tornando-se seus discípulos. Antes, com Santo André, fora discípulo de São João Baptista que lhes indicara o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

A legenda pretende que tenha sido ele o noivo das bodas de Caná, para as quais foram convidados a Mãe de Jesus e seu Filho, com os seus discípulos. E autores, como Beda e Ruperto, o

¹ É Anjo não na natureza, mas na semelhança, não na substância, mas na imitação. E, por isto, foi dado por companheiro a São Gabriel Arcanjo, para que o ajudasse, como Anjo, a guardar e a servir a Virgem. E, pela mesma causa, aparecera uma vez, na ilha de Patmos a São João, um Anjo resplandecente e vestido de imensa claridade e querendo reverenciá-lo, o Anjo não consentiu.

² Foi Patriarca, não somente como os outros apóstolos, que são Pais de todos os fiéis, mas com maior particularidade, pois viveu mais tempo do que eles e, com o ensino da sua longa vida, gerou mais filhos espirituais para o Senhor e os criou com aquela celeste sabedoria que tinha aprendido, no peito do Mestre e guardou no seu peito, como antigo e sacratíssimo arquivo dos actos e palavras de Cristo.

³ Mas São João, na ilha de Patmos, teve altíssimas revelações e escreveu o Apocalipse, como único Profeta da Lei da graça que foi recebida pela Igreja como verdadeira profecia e livro canónico.

⁴ Foi Apóstolo e entre todos o mais amado e estimado pelo Senhor. Era mais novo, mais doce, de carácter mais delicado, de mansidão e suavidade de costumes, na pureza e virgindade da sua alma, mais semelhante ao Mestre.

⁵ Foi Evangelista e, entre todos, a Águia que voou até ao coração de Deus e fixou os olhos na divindade do Verbo eterno e a pregou e anunciou ao mundo. E o Senhor com graça especial o levantou e fortificou os olhos do seu entendimento, para que pudesse olhar o Sol fixamente, sem cegar.

⁶ Foi Doutor eminentíssimo, não só por ter sido apóstolo, mas também como Doutor e Mestre da Igreja, escrevendo três Epístolas canónicas, ensinando o que se devia crer e guardar e recebeu o título que só a ele foi dado e por toda a Igreja conhecido, de Teólogo.

⁷ Foi Virgem com tão grande excelência, desde criança cuidou da pureza da sua alma e, por isso, sempre foi apelidado de Virgem. E, como diz São Jerónimo, como Virgem, Cristo Virgem lhe encomendou a Sua Mãe, Virgem.

⁸ Finalmente, foi Mártir: preso, açoitado por Cristo, primeiro pelos judeus, depois pelos gentios e entrou, com alegria, a fim de morrer pelo seu Mestre, na tina de azeite a ferver, mas o Mestre guardou-o para que fosse desterrado na ilha de Patmos onde padeceu trabalhos e tormentos. E não foi o ânimo que falhou ao martírio, mas o martírio que falhou ao ânimo. Com efeito, bebeu o cálice da Paixão, como Cristo predissera.

afirmam e que o Senhor o escolheu e o chamou ao apostolado, honrando, por um lado, as bodas com a sua presença e mostrando, por outro, que a virgindade se deve preferir ao matrimónio. E outros autores seguem essa opinião e afirmam que era isto o que pensavam São Jerónimo e Santo Agostinho, embora pareça que não foi de nenhum modo o esposo das bodas (nem sequer era de Caná). Foi às bodas não como esposo, mas como discípulo que já era de Cristo, acompanhando o seu Mestre.

2. Filho do trovão

Acrescenta São Marcos que, após o chamamento dos dois irmãos, Cristo chamou-lhes Boanerges que quer dizer, Filhos do trovão, em hebraico, o mesmo que raios. Facto muito significativo, pois que trocou os nomes apenas a Simão e a estes dois irmãos. Chamou a Simão, Pedra ou Cefas que é o mesmo e a João e Tiago, Filhos do trovão. Tal procedimento, aponta para uma missão em vista: Pedro, porque havia de ser cabeça dos apóstolos e bloco rochoso em que fundaria a Sua Igreja e, filhos do trovão a estes dois apóstolos irmãos, porque, com Pedro, seriam seus mais familiares e íntimos, como o foram e lhes reservara uma missão diferente. A estes três, Pedro, João e Tiago, chamava-os com frequência a partilhar a sua intimidade, os seus segredos e revelações, como se deu na Transfiguração, na ressurreição da filha do chefe da sinagoga, Jairo e na oração no horto das oliveiras, quando se aproximou a sua hora, suplicando ao Pai que afastasse o cálice amargo da Paixão. Chamou filhos do trovão, porque seriam, entre os que enviava, principais conquistadores do mundo. E porque João, especialmente, nos havia de falar, como um trovão sonoro e admirável, acerca da geração eterna de Jesus Cristo e entoar aquelas palavras que assombraram o mundo: *In principio erat Verbum*.

E, depressa mostraram, estes santos apóstolos que eram raios e filhos do trovão, como escreve São Lucas. Tendo o Salvador de passar pela cidade de Samaria, de caminho para Jerusalém, enviou alguns à frente a preparar o que haviam de comer. Quando os Samaritanos os viram, reconhecendo que eram judeus, de religião diferente da sua, não quiseram receber o Senhor. E foi tanto o que sentiram aqueles irmãos, com tal descortesia e desfaçatez que usaram para com o seu Mestre que, incendiados de zelo, desejaram vingar-se deles e disseram ao Senhor se não queria que mandassem vir fogo do céu, para que os abrasasse, em castigo de tão grande culpa. Mas o Salvador respondeu-lhes que tal espírito não era do Novo Testamento, mas do Velho, de Elias e não dos seus discípulos. Pois que ele tinha vindo para dar a vida às almas e não a morte aos corpos e que a sua Lei Evangélica de doçura, benignidade e mansidão se havia de fundar.

Outra vez, vendo São João que alguém expulsava os demónios em nome de Cristo, mas não os seguia, proibiu-lho, pois já que não andava com eles, que não se aproveitasse do nome do Senhor. Mas o Senhor, quando João lhe contou o que se passara e o que fizera, avisou-o que tivesse por amigo quem não era inimigo e que não o impedisse ninguém que não fosse contra Ele.

Eram tão grandes os favores que Cristo fazia a São João e a São Tiago que Maria Salomé, sua mãe, confiada disso e do parentesco que tinha com Jesus, atreveu-se a suplicar-lhe que os fizesse duas personalidades principais do seu Reino e que um se sentasse à sua direita e o outro à sua esquerda. E, talvez fosse, porque eles o pediram à sua mãe, por entenderem que, por ser mulher, o obtivesse mais facilmente, sem desgaste seu e queixa dos outros apóstolos, como alguns interpretaram. Ou, então, porque a própria mãe que era mãe muito cuidadosa e solícita do bem dos seus filhos e, sem eles o saberem, tratasse do seu bem, como referem outros doutores. Mas, o Senhor voltou-se para os filhos e disse-lhes que não sabiam o que pediam. Porque se pensavam que o Seu reino era temporal e da terra e pediam os primeiros e mais proeminentes lugares, enganavam-se, porque o Seu Reino era espiritual e do céu. E se eles acreditavam nisso e queriam ter vantagens nele, porque eram seus parentes, erravam o caminho, pois desejavam a coroa antes da batalha ou receber, por favor, o que só se dá por mérito. Por isso, perguntou-lhes se estavam preparados para beber o cálice da Paixão que ele ia beber. E eles, animados e esforçados, responderam que sim. Porém, o Senhor concluiu

dizendo que beberiam o seu cálice, mas que os primeiros lugares, no seu reino, seriam dados àqueles a quem o Pai julgasse que o teriam merecido.

3. Discípulo íntimo de Jesus

Mas diz mais o evangelista. Quando o Senhor teve de celebrar a sua última Páscoa, em que iria desvelar mais o amor que tinha pelos seus e instituir o sacramento inefável do seu sacratíssimo Corpo e Sangue, enviou Pedro e João, a fim de prepararem, o que era preciso para celebrar aquela Páscoa que, por isso, seria muito diferente e muito mais excelente que as outras. E, tê-lo encarregado a Pedro e João, foi sinal de que para coisa tão grande, o Senhor escolheu os dois apóstolos mais queridos e mais íntimos.

Mas a maior demonstração da intimidade de São João e do singular amor que o Senhor lhe tinha, foi o que lhe fez naquela sagrada ceia. Porque, entre todos os apóstolos, São João era o que mais próximo estava de Cristo.

E, havendo dito o Mestre que um dos doze que estavam sentados à mesa com Ele, o venderia e trairia, sem ter dito quem era, São Pedro, desejando-o saber, para o despedaçar (como diz São Crisóstomo) e comê-lo aos bocados, não se atreveu a perguntar ao Senhor quem era. Mas, por sinais, pediu a São João que, como mais familiar e mais acolhido, lhe perguntasse. Ele perguntou e o Senhor respondeu que era aquele a quem daria um bocado de pão molhado no prato e imediatamente o fez a Judas. São João logo entendeu que era ele o traidor. Nisto, se mostra a familiaridade e privacidade que teve com Cristo, este glorioso apóstolo e evangelista, acima dos demais apóstolos, pois que, o Príncipe e cabeça de todos os apóstolos, o tomou por intermediário, para, por ele, saber, o que por si não se atreveu a perguntar ao Senhor.

Mas, mesmo assim, não se nos manifesta tanto este favor e honra, como o que o mesmo São João diz de si, que naquela sagrada ceia, reclinou sobre o peito do Senhor. Recostou-se sobre os braços e seio de Cristo, como o filho mais terno e mais favorecido do Pai. E, ouvindo do Senhor que um dos apóstolos o havia de vender e que se aproximava aquela hora lastimosa, em que lhe arrancariam a vida, teve imensa tristeza e fechou os olhos corporais a todas as coisas visíveis e abriu os da alma para as invisíveis. Ficaram todos os sentidos exteriores, como que adormecidos e mortos, para que as potências interiores despertassem e se avivassem mais. E, naquele peito divino, contemplou o mistério inestimável da geração do Verbo e todos os outros segredos e profundíssimos sacramentos que depois o santo apóstolo nos haveria de manifestar e, acender na Igreja, toda a luz que aí lhe fora comunicada, favorecendo-a e fecundando-a com as águas que nessa fonte de vida, havia bebido. Imenso favor, soberano benefício, incomparável graça foi, a que nesta ceia, o Senhor concedeu a João.

4. Discípulo íntimo da santa Mãe de Deus

Mas muito maior, ainda, foi a que lhe fez, estando na cruz. Pois que, tendo, todos os outros apóstolos, abandonado o Mestre e Pedro que, era a cabeça de todos, negando-o três vezes, só São João o acompanhou e, com a Santíssima Virgem, assistiu à sua Paixão no monte Calvário. Trespasado de dor, ao ver o seu Senhor e Mestre, colocado num madeiro, com tão atrozes tormentos e dores e, a Mãe santíssima, mais morta que viva, por ver morrer aquele a quem tinha dado a sua carne e ele a ela o seu espírito. Estando, pois, o bendito Jesus, naquele conflito e agonia, e vendo a mãe e o discípulo, compadecendo-se dela e querendo favorecer o outro e, dar-nos o exemplo de obediência, respeito e reverência que devemos aos nossos pais, proferiu aquelas palavras de tanto amor e sentimento: *Mulher, eis o teu filho*. E voltando-se para São João: *Eis a tua Mãe*. Com elas, trespassou com um punhal de dor as entranhas da mãe que perdia aquele Filho e o substituiu por João. E a João honrou e enriqueceu, dando-lhe por mãe, a sua própria Mãe e transformando o discípulo em irmão seu.

Oh graça singular! Oh dádiva inestimável! Oh dom dos dons! Com isto, de certo modo, Cristo fez, de João, seu irmão de Pai e Mãe e repartiu, com ele, a sua herança, como a um irmão menor, porque só Jesus é o filho único e natural do Pai, imagem do Invisível, resplendor da Glória e figura da substância de

Deus, Filho consubstancial, perfeitíssimo, infinito, co-eterno e em tudo igual ao que o gerou, como diz o profeta: Tu és o meu filho, hoje te gerei (quer dizer: eternamente). E todos os que estão unidos em Cristo por fé viva, firme esperança e ardente caridade, são seus irmãos e membros do seu corpo que é a Igreja, cuja cabeça é Ele. E, assim, os chama, porque como diz o apóstolo São Paulo: *Não desdenhou de nos chamar seus irmãos*. E, sendo irmãos de Cristo, somos filhos adotivos do Pai eterno. Pois como diz o mesmo São Paulo: *o Espírito Santo testemunha que somos filhos de Deus e, se filhos, também herdeiros, herdeiros juntamente com Cristo*. Embora todos estes sejam filhos do Pai eterno e, desse modo, irmãos de Cristo, o nosso glorioso apóstolo e evangelista São João é irmão mais conforme e mais querido. Por isso, de todos estes filhos, João é o primeiro, o protótipo e modelo, porque só a ele se deu este privilégio tão especial. Cristo lhe deu a sua Mãe por mãe e à Mãe deu-lhe João por filho e ele a recebeu como tal e a serviu e a presenteou muito mais perfeitamente que se o tivesse sido sua mãe natural. *Ecce Mater tua!* Eis, João, a tua mãe! Toma Maria, não por Senhora, nem por Rainha, nem por Mestra, nem por Advogada (como até aqui a tiveste e a tem toda a Igreja), mas também por tua Mãe. Porque me mostraste o amor que me tens, estando aqui comigo, em tempo tão cruel e de tanta aflição, Eu te dou por prêmio deste amor, a minha Mãe: *Ecce Mater tua*. Eis a tua mãe e, esta, te basta. Por mim deixastes os teus pais e, como paga, dou-te a minha Mãe. Deixastes uma pobre barca e eu te ofereço esta tão grande nave, na qual hão-de passar todos os que navegam neste golfo tempestuoso do mundo, os que querem chegar ao porto da salvação.

Ficou São João tão enriquecido com este tesouro e tão honrado com tal mãe que naquele preciso momento a tomou por sua, para a servir, acompanhar e obedecer a ela, com singular cuidado, como quem sabia a jóia que lhe fora dada e a obrigação a que deveria corresponder e, assim, esteve em sua companhia junto à cruz, até o Senhor expirar e um soldado lhe ter aberto o sagrado lado com uma lança e, milagrosamente, do seu lado, sair sangue e água. São João esteve tão atento a este mistério que viu distintamente o sangue e a água e dá testemunho disso e diz que o seu testemunho é verdadeiro. Pois que daquele sagrado costado do novo Adão se formou a Igreja, e daquela fonte de vida manaram os sacramentos da Igreja. Aquela água significa para nós o Baptismo que é o começo e o sangue é o sacramento do Corpo e Sangue do Senhor que é o fim e a perfeição de todos os sacramentos.

Também se pode crer que São João ajudou a descer da cruz o corpo do Salvador e a colocá-lo nos braços da sua benditíssima Mãe e, depois, no sepulcro, banhando-o com copiosíssimas lágrimas e beijando-o com extraordinária devoção e ternura e deixando-lhe o seu coração, pois que a sua alma estava mais onde amava que no corpo em que vivia.

5. Discípulo de olhar penetrante

Depois disto, Maria Madalena, na manhã de Domingo, tendo vindo ao sepulcro onde fora depositado o corpo do Salvador e não o encontrando, foi muito depressa dizer a São Pedro e a São João, como discípulos mais amados e que mais amavam o Senhor. De imediato, foram a correr ao sepulcro e, como São João, era mais novo e deveria ser mais ligeiro, chegou antes de Pedro, mas por humildade e modéstia, não entrou, antes de Pedro chegar e entrar. Então, entrou também e logo entendeu as Escrituras que falam da ressurreição de Cristo, pois que até então não as tinham entendido.

Outra vez, após ter o Senhor aparecido, glorioso e triunfante aos apóstolos, São João e outros discípulos foram, com São Pedro, pescar. Não tendo, nessa noite, pescado nenhum peixe, na manhã seguinte, o Senhor apareceu-lhes nas margens do lago, onde pescavam (sem o reconhecerem) e, perguntando-lhes, se tinham alguma coisa para comer. Sabendo que, naquela noite, não tinham pescado nada, mandou que lançassem as redes para a direita do barco. Imediatamente se encheu de tantos e tão grandes peixes que a rede se rompia e não a podiam arrastar. Vendo este milagre, São João que tinha uma visão mais aguda e, porque melhor e mais familiarmente que eles, conhecia Cristo, vendo o Mestre, disse a Pedro que era o Senhor. E Pedro, tão fervoroso, atirou-se logo à água e foi ter com Cristo. São João e os outros discípulos vieram no barco e comeram com o Salvador dos peixes que tinham pescado.

Depois de terem comido, o Senhor encomendou a sua Igreja a São Pedro e fê-lo pastor de todo o seu rebanho e disse-lhe que o havia de glorificar com a sua morte e que o seguisse.

E, começando a segui-lo corporalmente, São Pedro voltou os olhos e viu São João que vinha atrás dele. Perguntou ao Senhor o que havia de suceder a João e se ele teria a mesma ditosa sorte e morrer como ele, por seu amor. É que São Pedro amava ternamente São João, quer pela sua nobre e amável condição e excelentes virtudes, como principalmente por ver que o Senhor o amava e o dotava tanto. A esta pergunta de São Pedro, (disse o próprio São João) o Senhor respondeu: *Se eu quero que permaneça como está até que Eu venha que tens a ver com isso? Tu segue-me.* E acrescentou que, destas palavras, os outros discípulos concluíram que São João não haveria de morrer, embora o Senhor não tenha dito que não haveria de morrer, mas só que, no caso de que quisesse que vivesse até ao tempo da sua vinda, não seria Pedro a tratar disso, mas de seguir a Cristo, como lhe ordenara. E com ter feito o sagrado evangelista esta ressalva e declarado o que pretendia o Senhor com aquelas palavras, não faltaram alguns que, fundando-se falsamente nelas, disseram que São João ainda não estava morto, nem morreria, até que o Senhor venha julgar os vivos e os mortos. Mas a verdade é que o Santo apóstolo morreu. E o que o Senhor quis dizer, com essas palavras, foi que se ele queria que São João ficasse sem morrer na cruz por ele até à morte ou até que viesse castigar os judeus e destruir Jerusalém com o exército dos romanos que Pedro não precisava de investigar ou preocupar-se do que lhe não pertencia. Isto é o que sabemos pela história evangélica de São João.

Além disso, no livro dos Actos dos apóstolos, escreve São Lucas que, após Cristo nosso Redentor subir aos céus, se juntaram no Cenáculo, Pedro, João, Tiago e André e os restantes apóstolos, pondo em primeiro lugar São João, depois de Pedro.

Diz, ainda que um dia, indo São Pedro e São João, às três da tarde, fazer oração ao templo de Jerusalém, numa porta do templo, que chamava especiosa, encontraram um homem pobre, com quarenta anos de idade, coxo de nascença que lhes pediu esmola. E os santos apóstolos lhe deram uma muito maior do que ele esperava e pedia. Porque, tomando-o pela mão, lhe deram saúde e o consolidaram na planta dos pés, de tal modo que com a surpresa, saltou de gozo e entrou com eles no Templo. Houve grande admiração e pasmo entre o povo e, em toda a cidade, muito rumor por aquele milagre. E, para evitar o prejuízo que lhes poderia advir, os sacerdotes e o magistrado prenderam São Pedro e São João e lançaram-nos na cadeia e depois, libertando-os, ameaçaram-nos e ordenaram-lhes, sob graves penas, que não mais falassem de Cristo. Mas eles obedeceram a Deus e não aos homens e pregaram ao povo Jesus Cristo, testificando que o haviam ouvido e visto.

Prenderam de novo os doze apóstolos e, entre eles, São João, e açoitaram-nos por não terem respeitado as suas ordens. E eles ficaram muito contentes, por Deus os achar dignos de ser maltratados e afrontados pelo seu nome.

Pregando São Filipe, diácono, na cidade de Samaria, com grandes milagres, converteu muita gente, à Fé de nosso Redentor. E, considerando os santos apóstolos que ali se abria uma porta ao Evangelho, pareceu-lhes que Pedro e João deveriam ir à Samaria, para confirmar os que se tinham convertido e dar-lhes, pela imposição das suas mãos, o Espírito Santo, pois ainda não tinham recebido, e converter os outros. E São Pedro, embora fosse a cabeça de todos os apóstolos, e São João, depois de São Pedro, o primeiro dos principais, e, no ofício e poder apostólico, igual aos demais, acordaram nisso e eles foram a Samaria.

Fazendo oração pelos convertidos e impondo as mãos sobre eles receberam visivelmente o Espírito Santo. Regressando a Jerusalém, pregaram em muitas povoações da província da Samaria e fizeram maravilhas.

São Paulo, escrevendo aos cristãos da Galácia, diz que, tendo vindo a Jerusalém, por revelação divina, São Pedro, São João e São Tiago, menor, bispo de Jerusalém se apresentavam e eram as colunas da Igreja, e o receberam e concordaram pregar aos judeus e Paulo e Barnabé aos gentios.

6. Servo da Virgem Maria

Cumprindo o seu ofício apostólico e iluminando as gentes com a sua pregação, teve como principal solicitude, acompanhar e servir a santíssima Virgem, que recebeu e tinha como mãe. E, assim, todo o tempo que esteve, em Jerusalém e na Judeia, a assistiu e a serviu, com singular dedicação e reverência. Depois, foi para a cidade de Éfeso, cabeça da província da Ásia que lhe coube por sorte, para nela semear a semente do céu e, aí, esteve algum tempo, como se conclui de uma carta do Concílio de Éfeso, para o clero de Constantinopla. Este cuidado pela Virgem santíssima durou o tempo da vida da sua vida que, segundo a mais provável opinião, foram vinte e três anos, após a morte do Salvador.

Mas, neste tão largo tempo, quantas graças e os copiosos favores recebeu o amado discípulo do Senhor, com o trato e a conversação da mãe de Cristo e sua mãe? Que colóquios e pensamentos teriam entre si, a Virgem e João! Que luzes, que resplendores? Que clarões e ardores sentia o filho querido, quando ouvia palavras da sua Mãe, saídas daquele coração iluminado e abrasado do amor divino? Quantos e, quão altos mistérios, lhe teria ela ensinado? E, quantas vezes, permanecera absorto, suspenso e extasiado ao vê-la e ouvi-la? E com quanta humildade e confusão a teria servido, considerando que aquela Virgem era a Mãe de Deus?

Na Ásia, São João pregou a doutrina do céu que tinha bebido no peito do Senhor e fundou sete Igrejas, em sete principais cidades: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Filadélfia, Sardes e Laodiceia. Em todas elas ordenou sacerdotes que administrassem os sacramentos aos cristãos que nelas havia. Mas a cabeça e metrópole da Ásia era Éfeso, tão celebrada pelo famoso templo da deusa Diana. Os seus moradores eram devotados à idolatria e ao culto vão dos seus deuses. Por isto e por ser muito populosa e rica e estar cheia de filósofos inchados com a vã sabedoria do mundo, teve muitíssimas dificuldades, o grande apóstolo, em implantar a nossa santa religião, em corações tão incultos e duros. Mas como era um sol resplandecente e divino, com os raios da sua doutrina e da sua luz, desfazia as névoas espessas da ignorância daquela gente.

E, com os exemplos da sua vida celeste e, com a doçura e santidade dos seus costumes e a suavidade da sua conversação branda, atraía para Jesus Cristo os que antes estavam tão afastados dele e viviam nas sombras da morte. Por isso, aquela província, antes selva espessa, habitada por brutos ferozes, como terra deserta por lavrar, converteu-se num jardim deleitoso e regado com as copiosas águas do céu.

7. O mártir que assustou o flagelo

Mas, como o imperador Domiciano, sucedesse, no império romano, ao seu irmão Tito e movesse uma segunda perseguição à Igreja (a primeira foi a de Nero), alguns filósofos e homens maus, inimigos do santo apóstolo e da religião que pregava, aproveitando-se da ocasião, procuraram que o procônsul da Ásia o prendesse e o enviasse a Roma, para que diante de Domiciano se justificasse e fosse castigado como inimigo dos deuses do império e pregador e mestre da nova religião. Levaram-no, já ancião e venerável, a Roma, acorrentado com cadeias e apresentaram-no ao imperador. O imperador fez-lhe algumas perguntas, a que o santo respondeu. Não ficando satisfeito o imperador, diz Metafraste que ele fez ali muitos milagres diante dele, tirando demónios dos corpos, curando graves enfermidades e ressuscitando mortos. Mas nada disso influenciou aquele tirano, nem o amansou, pois que era mais feroz que as feras. Ordenando que o lançassem numa tina de azeite a ferver, para que desse modo acabasse aquela ditosa vida, desnudaram-no e açoitaram-no, em primeiro lugar (como era costume dos romanos fazer aos condenados à morte) e depois lançaram-no na tina, na presença do Senado e de numerosa gente que tinha vindo observar o espectáculo. Entrou São João na tina e o fogo perdeu força e o óleo que fervia se converteu em orvalho do céu e o tormento em refrigério. O fogo não atingiu o santo e abrasou a muitos dos que o atiçavam e serviam aquela impiedade. São João saiu da tina mais puro e resplandecente e com vigor maior do que nela tinha entrado.

O imperador ficou perturbado com tal sucesso e, admirado de tão grande milagre, não se atreveu matar o santo apóstolo. Domiciano mandou-o desterrar para a ilha de Patmos (que é uma ilha das Sporades, não longe da de Candia, com dez léguas de perímetro), a fim de que aí trabalhasse, nas minas de metal. Foi levado para o seu desterro o glorioso São João. Chegou a Patmos e logo começou a lançar raios de luz naquela ilha e a espargir os resplendores do Evangelho sobre os moradores, que eram bárbaros, idólatras e afastados de toda a luz e, sepultados nas trevas da sua infidelidade e ignorância. Com a doutrina que o divino apóstolo lhes ensinou, abriram os olhos, para ver a claridade que Deus lhes enviava e se converterem a Cristo e se acolheram e sujeitaram às brandas leis do Evangelho.

8. A águia-real

Em Patmos, teve admiráveis ilustrações e revelações do Senhor e escreveu o livro do Apocalipse (que quer dizer, revelação) do qual São João diz, no princípio do primeiro capítulo que Jesus Cristo lhe enviou, por um anjo, aquela revelação. E que é bem-aventurado o que lê e o que ouve as palavras daquela profecia e guarda o que nela está escrito. Interpretaram o livro do Apocalipse, Ireneu, Justino e Victorino, mártires, André e Aretas, bispos de Cesareia da Capadócia, Ambrósio, Beda, Ansberto, e outros muito doutíssimos varões, antigos e modernos. Mas por muito que tenham dito, sempre haverá mais a dizer, pois que é um abismo sem fundo e contém o sucesso que há-de ter a Igreja até ao fim do mundo. Mas, com tais enigmas, é necessário que o mesmo Senhor que as revelou a São João, dê o espírito para as poder entender e interpretar. E por isso diz São Dinis Alexandrino que a seu ver, as coisas que estão escritas neste livro, são superiores e excedem a capacidade humana e que há nele um sentido secreto, oculto e maravilhoso e que ele, embora não o entendesse, se admirava e reverenciava. E São Jerónimo, falando do Apocalipse, diz estas palavras: o Apocalipse de São João tem tantos sacramentos, quantas palavras e pouco se diz, porque todo o louvor que lhe for dado é menos do que o livro merece. E, noutro lugar diz que o Apocalipse de São João, no invólucro da letra, contém o miolo e os ocultos sacramentos da Igreja.

Nesta altura mataram em Roma o imperador Domiciano, porque as pessoas já não o suportavam e o Senado desfez o que tinha feito e anulou os decretos. E sucedendo-lhe, no império, Nerva, homem moderado, deu, aos desterrados por Domiciano, a liberdade de regressar a suas casas. Entre eles, o nosso grande apóstolo que estava na ilha de Patmos e, querendo regressar a Éfeso e, ao governo das Igrejas da Ásia, todos os habitantes de Patmos sentiram muito a sua saída, com lágrimas, soluços e afectos, a fim de o deter, para não perder tão grande Mestre, com a luz do céu que de si recebiam. E, embora se enternecesse, o santo apóstolo não condescendia com eles, pois que o Senhor lhe ordenava de outro modo. Então, diz Metafraste, que insistiram muito que, porque se ia, lhes deixasse, por escrito, o que lhes havia ensinado, como reflexo do seu corpo e retrato do seu espírito. Ele jejuou e mandou jejuar todo o povo e subiu ao monte, com um dos sete diáconos, chamado Prócoro, e entrou em altíssima contemplação. Estando absorto em Deus, começaram a sentir horríveis trovões, relâmpagos e raios que faziam tremer Prócoro, enquanto o santo evangelista permanecia, com admirável segurança e sem qualquer temor. No fim de um trovão medonho, levantando a voz, disse: *In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum et Deus erat Verbum*. Neste facto se verificou o nome que Cristo deu a São João, quando lhe chamou filho do trovão.

Isto escreveu Metafraste e, parece pois que o nosso sagrado Evangelista ditou o seu evangelho, na ilha de Patmos, escrevendo-o Prócoro. E são, da mesma opinião, Theofilato, Nicéforo, Doroteo e Prócoro. Mas, outros autores, mais graves, como Ireneu, Eusébio, Agostinho, Jerónimo, Isidoro, Gregório de Tours e, muitos modernos dizem o que escreve São Jerónimo: depois de São João ter lido os evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas e aprovado tudo o que neles se diz, escreveu o seu santo Evangelho, por insistência dos bispos da Ásia, para refutar os erros de Ebion e de Cerintho, hereges que negavam a divindade de Cristo.

E, por isso, começou o seu evangelho pela geração eterna do Verbo. Pois como é sobre Cristo que ele escreve e Cristo é Deus e homem, teria de elucidar (como bom historiador) a sua Divindade e a sua Humanidade, a fim de que soubéssemos quem era. Os outros evangelistas (como dizem São Jerónimo e Santo Agostinho) escrevem acerca do Senhor, mostrando a sua humanidade, a sua vida e as maravilhas que fez, pelas quais se mostrava Deus.

São Mateus começa o evangelho pela geração temporal de Cristo, São Marcos pela profecia de Malaquias, Isaías e pela pregação de São João Baptista e São Lucas pelo sacerdócio de Zacarias. O primeiro tem cara de homem, o segundo de leão, o terceiro de bezerro, mas São João voou por cima dos outros, como Águia-real e brilhante, trespassando os Elementos, os Céus, os Principados e Potestades, os Querubins e Serafins, finalmente tudo o que é visível e foi criado e atingiu o peito do eterno Pai.

Fixou os olhos de Águia na roda daquele Sol divino e sempiterno e, com uma visão claríssima e firme, viu, sem pestanejar, que assim como um raio nasce do sol, assim o Verbo nasce do Pai; e como do mesmo sol e do mesmo raio, procede o calor, assim do Pai eterno e do seu Filho, como fogo amoroso, procede o Espírito Santo. Viu mais: que das três pessoas da Santíssima Trindade, co-eternas e consubstanciais, unidas entre si numa essência, manam, de modo inefável (como da sua fonte), todas as coisas criadas. Por isso disse: *omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil*. Viu como todas, em si, são nada, tiram o seu ser do Verbo e nele vivem e se mantêm. *Quod factum est in ipso vita erat*. E não só voou tão alto esta águia divina, mas também, como faz a águia, desde o mais alto céu se lançou sobre a terra e viu este mesmo Verbo vestido da nossa carne. *Et Verbum caro factum est*. Mas, de tal modo que, nem por isso, se afeou, nem manchou a sua beleza, nem se diminuiu o seu esplendor, nem se alterou a imensa luz da sua divindade. Viu a benignidade, doçura e familiaridade deste mesmo Verbo para com os homens, pois diz que habitou e morou connosco. Viu a abundância da sua glória e que era como glória do Unigénito do Pai: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre*. E, finalmente viu-o cheio de graça e, tão cheio, que não há gota de graça, no céu, na terra, nos anjos e nos homens que não derive desta fonte de graça: *plenum gratiae et veritatis; de cujus plenitudine nos omnes accepimus*. Mas não é só no princípio que trata tão altamente da divindade de Cristo, mas a sustenta e testemunha, em todo o evangelho. Com isto tem em vista desfazer os erros dos hereges do seu tempo e os haveriam de sair, depois, do inferno, inventados contra esta importantíssima verdade.

E assim São João Crisóstomo, espantado com voo tão sublime e visão tão aguda desta águia-real, disse o seguinte: *Era São João, como testemunha São Lucas, homem simplório e analfabeto, sem estudos, antes de ser apóstolo e depois era pregador de quem não se poderia esperar que tratasse algo, a não ser da sua arte de pescar, dos rios, anzóis, redes, peixes e coisas semelhantes*.

Mas este pobre pescador subiu sobre a terra e sobre o mar, sobre as nuvens e sobre os próprios céus, vencendo Platão, Pitágoras e todos os filósofos e ultrapassou os Anjos, as Virtudes, Querubins e Serafins. Naquele mar da Divindade pescou este peixe e cheio dele, transbordou e disse: In principio erat Verbum. E não só o disse e escreveu, mas persuadiu todo o mundo e pregou-o, não em lugar baixo e obscuro, mas no centro mais ilustre e notável de todo o mundo: na província da Ásia, menor, mãe de todos os génios e dos grandes filósofos. E assim a verdade eterna nasceu da terra virginal de Maria e, por ela, a justiça do céu nos olhou e despedaçou o demónio, libertando-nos da sua tirania. Assim a mesma verdade, saindo da alma virginal de João, depositada em seus escritos, combate por nós contra a herética perversidade, vence e submete os hereges que são ministros e instrumentos de Satanás. E Santo Ambrósio diz: *Todas as heresias foram desterradas pelo nosso pescador, apenas com estas breves palavras: In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum*. E por isto, crê-se que a santa Igreja ordenara que, no fim da Missa, se lesse o evangelho de São João, porque é uma breve confissão da nossa Fé, um testemunho e declaração dos principais mistérios da nossa santa religião. E tudo o que os hereges arianos inventaram e ensinaram contra a divindade de Cristo, nosso Salvador, com as primeiras palavras deste evangelho se desfaz, como as trevas, com a luz do sol. E, talvez, no tempo daquela tão terrível tempestade dos arianos que afligiu e perturbou a nave da Igreja, também os fiéis tomassem por devoção, trazer escrito o evangelho de São João consigo (como alguns ainda o fazem hoje), para mostrar quem eram os católicos e inimigos dos hereges (como agora muitos católicos, das províncias setentrionais, trazem rosários e coroas de nossa Senhora ao pescoço a fim de mostrar que o são). Não foram apenas os católicos e fiéis que veneraram e veneram o evangelho de São João, mas os filósofos pagãos se assombraram da alteza e profundidade das suas sentenças, como sublinharam Eusébio, Cirilo, Crisóstomo e São Basílio. Santo Agostinho, nas Confissões, escreve que havia lido em alguns livros dos filósofos platónicos, o princípio do evangelho de São João. E, no livro “A cidade de Deus” refere que um

filósofo platônico dizia que devia ser escrito com letras de ouro e ser posto nas igrejas, em lugar eminente para que todos o pudessem ler.

9. O pastor

Regressou, pois, o santo apóstolo, da ilha de Patmos a Éfeso e foi recebido por todos os cristãos com incrível ternura e alegria como pai, pastor e mestre das suas almas e varão tão eminente e tão querido do Filho de Deus, Sol resplandecente no mundo. Depois de eclipsado e obscurecido naquele desterro de Patmos, voltava a descobrir os seus raios com a sua doutrina e vida celestes.

Em Éfeso, fundando e governando as Igrejas da Ásia (como diz São Jerónimo), realizou, sem dúvida, muitos e grandes milagres, confirmando a Fé e o Evangelho que escreveu e pregava.

Em seu tempo, vivia em Éfeso, Apolónio Tianeu, importante Mago, nigromante e embusteiro que, com coisas vãs da arte diabólica, mantinha assombrada e encantada aquela gente que o reverenciava como se fosse um deus. Tinha fugido de Roma, onde o imperador Domiciano o tinha prendido. Escondendo-se, desapareceu e foi para Éfeso. O santo evangelista terá tido com Apolónio muitas contendas e debates – como aconteceu a São Pedro, com Simão mago – e fez muitos milagres verdadeiros, para desfazer os aparentes e mentirosos que o mago fazia.

Prócoro escreveu um livro de São João evangelista, onde trata dos muitos milagres que o santo fez. Mas este livro de Prócoro é considerado apócrifo, por homens doutos e apreciados, e por isso deve ser rejeitado, embora quem o escreveu se tenha feito passar por Prócoro, dizendo-se discípulo de Cristo, companheiro e discípulo de São João.

Isidoro, na vida que escreveu de São João, apóstolo, diz o seguinte: Entre outras virtudes de São João, uma foi, ter feito grandes milagres: mudou as folhas silvestres em ouro e as pedras naturais, em preciosas, e, depois em naturais. Ressuscitou, a pedido do povo, uma viúva e deu vida ao corpo morto de um mancebo. Bebeu veneno se qualquer dano e ressuscitou os outros que, morrendo, o beberam. O milagre das ervas ou folhas convertidas em ouro é também referido por Metataste.

Havia um cristão rico que por várias ocorrências e infortúnios atingiu a extrema pobreza, acumulando tantas dívidas que de nenhum modo podia saldar. Apresentando-se os credores, levaram-lhe a alma (a vida), para que as pagasse. Viu-se o pobre homem perseguido e tão atribulado que decidiu procurar o suicídio, a fim de se ver livre das angústias, de tão triste vida. Pediu a um judeu, grande feiticeiro que lhe desse uma bebida eficaz, a fim de morrer. Ele deu-a. E, antes de tomá-la (como era cristão) fez o sinal da cruz sobre ela e, foi tanta a força do sinal da cruz que não lhe fez qualquer dano. Voltou a segunda vez ao judeu, queixando-se que tinha sido enganado, dando-lhe uma bebida fraca que não produzira efeito e pedindo que lhe desse outra mais forte e eficaz. Deu-lhe a segunda e o cristão tremendo e suando com o temor da morte, já em agonia, fez o sinal da cruz sobre ela e tomou-a e permaneceu sem qualquer mal, porque o sinal da cruz, com a sua força, o livrara vencendo o veneno. Ficou verdadeiramente admirado o cristão e voltou ao judeu com muito pesar e contou-lhe o que se passava. O judeu que sabia o que lhe tinha dado e que tomando aquele tóxico não poderia, humanamente, continuar a viver, pois tinha feito um ensaio com um cão que, tomando-o, morreu logo, perguntou ao cristão como o tinha tomado e o que fez quando o tomou. E, como o cristão respondesse que fazia o sinal da cruz (como costumam fazer os cristãos) e a seguir bebia o veneno, o judeu compreendeu que a cruz era tão poderosa que tirava a força ao veneno, para que não o pudesse matar. E, iluminado e movido por Deus, foi ter com o glorioso apóstolo São João e, lançando-se aos pés, disse-lhe que queria tornar-se cristão e o motivo que o levava a isso. O apóstolo acolheu-o com grande doçura e instruiu-o na Fé e baptizou-o.

E, sabendo da necessidade que o outro pobre cristão padecia e a angústia em que estava, cercado por tristezas e angústias, branda e amorosamente, o consolou e ordenou que tomasse no campo um molho de ervas e que as trouxesse. O homem trouxe-o e o apóstolo fez

oração e o sinal da cruz e, dando-lhes a sua bênção, imediatamente as ervas converteram-se em ouro finíssimo. Ordenou o santo que com isso pagasse as suas dívidas e, com o resto, se sustentasse e que desse graças a Deus por o ter livrado da morte, com a força da Santa Cruz e que a partir de então tivesse mais confiança no Senhor que em tudo assim se mostrou Pai benfazejo.

Mas muito mais mostrou a sua caridade com outro facto. Ia o santo apóstolo de Éfeso a outras cidades para assentar os fundamentos da nossa santa religião. Foi certa vez a uma delas para lhe dar bispo e depois, encomendou ao bispo, em nome de Jesus Cristo, a um moço que ali viu, de vivo génio e lindo aspecto, para que o criasse e fizesse dele digno ministro do Senhor. O bispo recebeu o moço em sua casa e começou a ensinar-lhe o caminho da vida e a trata-lo como dom e encargo recebido do santo apóstolo. No princípio mantinha-o à rédea, depois afrouxou-a e deu-lhe mais liberdade, com a qual e com as más companhias, começou, como cavalo destravado e sem freio a não suportar que alguém lhe fosse à mão. Entregou-se a banquetes e, pouco a pouco, a outros vícios que de prazer se seguem e, finalmente, caiu num abismo tão profundo de maldades que se tornou cabecilha de salteadores de estrada. Passado algum tempo, regressando São João àquela cidade, onde havia entregado o moço ao cuidado do bispo, perguntou-lhe por ele. O bispo, com muitas lágrimas e soluços (como envergonhado e vexado) narrou-lhe como estava perdido e o que andava a fazer e os meios que tinha utilizado para o curar. Quando São João ouviu isto, não se pode facilmente crer na dor que teve. Rasgando as suas vestes, começou a gritar: *Boa guarda, por certo, deixei em ti, na guarda do meu irmão.* Logo, sem se deter, foi a cavalo com um guia ao monte onde estava o moço, com a sua companhia de ladrões. Ao vê-lo e ao reconhecê-lo, o moço pôs-se em fuga, mas o santo velho foi atrás dele, em grande gritaria: *Porque foges, filho, do teu Pai, o moço a um velho, armado a um indefeso? Vou dar contas de ti a Cristo e morrerei de bom grado por ti, como o Senhor morreu por nós e entregarei a minha alma, pela tua.* Enterneceu-se com estas palavras amorosas, o coração duro daquele filho perdido. Parou. Desceu do cavalo e ajoelhou aos pés do santo pai, espavorido e tremendo, escondendo a mão direita que tanto sangue tinha derramado. O santo, vertendo muitas lágrimas, prostrou-se aos pés do moço e beijou a mão que o moço encobria, prometendo alcançar do Senhor, perdão para os seus pecados. Levou-o à Igreja e ordenou que jejuasse muitos dias e perseverasse em oração. O mesmo santo jejuou com ele e rezou por ele e impetrou tão copiosa graça de Deus que, vendo-o completamente corrigido e perfeito, lhe encomendou uma Igreja para que a governasse, dando deste modo tão ilustre exemplo aos prelados, do cuidado e zelo que devem ter pelas almas dos seus súbditos e ensinando-nos que a verdadeira penitência restitui ao homem a graça que, pelo pecado, tiver perdido.

Mas que maravilha que tivesse e mostrasse tão entranhável amor a este moço pecador, aquele que tanto amava Jesus Cristo e tão bem sabia o que aquela alma lhe tinha custado e, ao pé da cruz, tinha visto o sangue que, por ela, havia sido derramado! Ele que estava tão abrasado no fogo divino e da caridade do próximo, não tinha outra palavra na sua boca, nem pedia aos seus discípulos, senão que se amassem uns aos outros! Porque – diz São Jerónimo – estando já este amorosíssimo apóstolo tão velho que já o levavam em braços à igreja e apenas podia falar, não dizia outra palavra aos fiéis, a não ser: *Filioli, diligite alterutrum (Filhinhos, amai-vos uns aos outros)*. E como os seus discípulos, cansados, lhe perguntassem porque lhes repetia sempre as mesmas palavras e lhes dizia que se amassem uns aos outros, o santo repetia: *Porque é preceito do Senhor e, se fizerdes isso, basta.*

Mas, com ser tão doce para todos, São João, apenas com os hereges era severo, como se vê, pelo que escreveu Eusébio, atribuindo a São Policarpo que dizia que o Senhor inspirou São João para que fosse ao banho e, estando nele, soube que estava lá Cerintho, herege e, voltando-se para os que com ele iam, disse: *Vamos embora daqui e não entremos no banho em que se lava Cerintho, inimigo da verdade, para que o banho não caia sobre nós e nos apanhe por baixo.* Deste modo, colhemos o exemplo de quão é detestável a Deus o herege e, com quanto cuidado e presteza, devemos fugir dele.

10. O eclipse do sol

Finalmente, sendo já o santo apóstolo muito velho, carregado de anos, trabalhos e méritos e, não menos, de acesos desejos de ver o seu dulcíssimo mestre no céu, teve a revelação de que os seus desejos iam ser cumpridos e o levariam a atingir o seu gozo. Um dia, admoestando os seus discípulos, disse-lhes o que então lhes convinha. Saiu com eles, para um monte, onde era costume orar, e mandou que aí cavassem e fizessem um buraco capaz de acolher o seu corpo. Com o sinal da cruz, disse: *Meu Senhor Jesus Cristo, permaneço comigo*. E aos que estavam presentes: *A paz esteja convosco, irmãos*. Lançou o manto sobre a cova e depois entrou nela. Aí, cercado de resplandecente luz, entregou o espírito ao Senhor. E os seus discípulos choravam, desfazendo-se em lágrimas por ver que perdiam tal Pai, tal Mestre e Pastor e que aquele sol que iluminava o mundo se punha.

Da morte de São João, escrevem quase todos os santos e doutores antigos, como Tertuliano, Eusébio de Cesareia que cita Santo Ireneu, Santo Ambrósio, São Jerónimo, São Crisóstomo, Santo Agostinho, Santo Isidoro, Gregório de Tours, Nicéforo Calixto, Metafraste e, fora destes, tantos e tão graves autores que o dizem. Esta verdade se tira da Epístola que São Celestino, papa, escreveu ao Concílio de Éfeso e de outra que o Concílio escreveu ao Senado de Constantinopla e de Polícrates, bispo de Éfeso e antiquíssimo teólogo, que escrevendo ao Papa e mártir São Victor afirma que São João morreu em Éfeso. E, isto, é o mais certo e mais seguro.

Embora não falem alguns que escreveram que São João não morreu, mas que está no paraíso terrestre e virá com Enoch e Elias a pregar contra o Anticristo. E, outros que imaginando que está vivo e, dormindo no sepulcro de que sai, fervendo, uma terra ou pó, como maná proveitoso para todas as enfermidades. Mas, dos que dizem isto, zomba Santo Agostinho. Também, não falta quem diga que São João morreu de morte violenta e que foi martirizado pelo imperador Trajano. Mas todas estas opiniões são particulares e menos certas e de autores pouco creditados. Alguns autores, como Beda, São Tomás e outros modernos, afirmam que São João está no céu em corpo e alma e fundamentam que morreu sem dor e não se sabe que seu corpo esteja na terra e que (segundo alguns) os que ressuscitaram com Cristo, subiram ao céu em corpo e alma.

Morreu o glorioso apóstolo, a 27 de Dezembro, sendo imperador Trajano, no ano do Senhor de 101 e 68 anos após a Paixão do Senhor.

A idade com que morreu, não concordam os autores, porque uns dão mais de 100 anos, outros 98 ou 99, outros 93. A dificuldade está em saber quantos anos tinha quando Cristo, nosso Salvador, o chamou para ser seu apóstolo. Porque uns dizem que tinha 22 anos, outros 28 e outros mais e cada um traz as suas razões e conjecturas para provar a sua opinião. Duas coisas parecem certas: uma que São João era moço, quando o Senhor o chamou e o mais novo de todos os apóstolos; outra que depois de Cristo ter subido aos céus, viveu 68 anos, a que se acrescentam 3 que acompanhou o Senhor na sua vida e morte, perfaz 71 anos. Se tinha 22 quando foi chamado, como parece ao Cardeal Barónio, veio a morrer com 93. Mas isto interessa-nos pouco a nós que pretendemos declarar a virtude e excelências de São João, para nossa edificação e exemplo que é o que deve interessar ao escrever a sua vida.

CULTO

Está considerado como mártir, embora tenha sobrevivido, ao banho de azeite fervente. Por um infrequente privilégio, a Igreja consagrou-o com duas festas, uma das quais corresponde ao suplício da Porta Latina e a outra ao seu dia natalício, isto é, à sua morte.

Lugares de culto

No Mediterrâneo oriental, o culto de São João teria como centro principal a cidade de Éfeso, onde morreu e a *ilha de Patmos* no Dodecaneso, onde esteve desterrado.

Em Patmos, onde São João Cristodulos fundou no século XI (c. 1088) um mosteiro sob a advocação de São João, o Teólogo, mostra-se a gruta onde teve as suas visões e onde teria escrito o Apocalipse e a pedra oca engastada num nimbo de prata, que lhe terá servido de almofada e o penhasco donde teria lançado ao mar o falso sacerdote Kynops.

No Ocidente, o seu culto desenvolveu-se naturalmente em Roma, dado que na Porta Latina teria padecido o suplício do banho de azeite fervente. Nesse lugar, edificou-se um oratório sob a advocação de S. *Giovanni in Oleo* (S. João, em azeite). Contudo, a principal igreja edificada em sua honra foi a Basílica de São João de Latrão (San Giovanni in Laterano) que, entre outras relíquias, pretendia possuir «a taça que continha o veneno que lhe ofereceram para beber».

Entre as outras igrejas que lhe foram dedicadas em Itália, deve citar-se as de Bolonha (S. Giovanni in Monte), Pistoia (S. Giovanni Evangelista), Forcivita (Fuorcivitas) - chamada assim porque estava situada extramuros da cidade, Parma e Ravena.

Em França, sob a sua advocação, consideramos a catedral de Besançon; em Espanha, a igreja de San Juan de los Reyes, em Toledo, decorada em sua honra com gigantescas águias heráldicas; na Alemanha, a catedral de Magdeburgo e na Holanda a de Bois le Duc.

Santo Eduardo, Confessor, que tinha por ele uma particular devoção, difundiu o seu culto na Inglaterra.

Na diocese do Porto (Portugal), há 6 paróquias que têm São João Evangelista como patrono.

Patrocínios

Considerado, pela tradição, como autor de um dos quatro Evangelhos e do Apocalipse, São João era o patrono dos *teólogos* e, em geral, dos *escritores*. Seus numerosos patronatos de corporações explicam-se, quase todos pelo *suplício na Porta Latina*. A cuba de azeite fervente onde foi submerso, valeu-lhe o voto dos *lavandeiros, tintureiros* e *arheiros*, particularmente expostos às queimaduras, *fabricantes de candeias e círios* que faziam ferver o sebo e vendiam azeite de queimar, os *azeiteiros* ou *proprietários de moinhos e lagares de azeite* (Ölmüller).

Com o nome de São João Porta Latina, é, também, patrono dos *impressores, livreiros, encadernadores, papeiros, copistas de manuscritos, gravadores ao buril ou talha doce*, porque quase todos os livros da Idade Média estavam escritos em latim, ou talvez, porque São João aparece representado, com frequência, escrevendo o Apocalipse junto à sua águia, de cujo peito pende um tinteiro. Mas estes patrocínios podem explicar-se, mais simplesmente, como os anteriores, pela cuba de azeite onde foi imerso. Os impressores empregavam uma tinta oleosa que compararam com o azeite. Outro tanto ocorre com os gravadores. A tela que empregam os fabricantes de papel macera-se em cubas e os encadernadores também empregam peles curtidas em cubas de madeira.

Ademais, o nome Porta Latina tinha valido, por causa de um horrível jogo de palavras, o culto dos *viticultores* de Borgonha que *portent la tina* (levam a tina), isto é, um cesto de racimos (cachos de uvas). Ao menos, é a explicação corrente deste patrocínio. E o abuso com os jogos de palavras em iconografia dá a esta hipótese a aparência de verosimilhança. Não obstante, uma inicial historiada do Missal dominical da Biblioteca de Clermont (século XIII), onde o caldeiro de azeite tem a forma de um tonel (*dolium*), sugere outra possibilidade: quiçá o que dera origem a este patrocínio e igualmente ao dos *tanoeiros*, no caso de que o caldeiro tenha a forma de barrica e que no seu interior São João, com o torso nu, se assemelhe a um vinicultor pisando uvas.

Em suma, é a cuba de azeite fervente que originou quase todos os patrocínios de tão diversos ofícios e, também, por esta razão São João era invocado contra as *queimaduras*.

Contudo, alguns destes patrocínios têm outra origem. Visto que Cristo lhe confiara a sua mãe, a *Santíssima Virgem*, do alto da cruz, se converteu em *Virginis custos* e, por extensão, em *Virginum custos*, isto é, protector das *virgens* e das *viúvas*.

Por causa da legenda da taça do veneno, São João também protegia contra os venenos. Chamava-se *vinho de São João* (Johannesminne) a um sacramental que protegia contra o veneno, e, em geral, contra as intoxicações alimentares. É a este título que, às vezes, São João aparece representado nas fachadas das farmácias (por exemplo em Romans, no Delfinado), formando parelha com Esculapio o deus médico, que também, tem, como atributo, uma serpente.

Outro dos seus milagres, a transmutação das canas em ouro e dos pedregulhos em pedras preciosas lhe valeram o patrocínio dos *alquimistas* em busca da pedra filosofal.

ICONOGRAFIA

A iconografia de São João oferece dois tipos muito diferentes. No Ocidente, em geral, é representado como jovem e imberbe: é o mais jovem dos doze apóstolos, o virginal (*parthenios*), embora, na arte bizantina apareça com características de um ancião, de barba branca (*presbyteres*). Esta segunda representação se baseia no versículo de João, 21: 22: onde Jesus diz: «... *Se eu quisesse que*

este permanecesse até que eu venha...», de que procede a crença na longevidade de João e, incluindo, que escaparia à morte.

Os seus atributos mais constantes e característicos são a *águia*, a *taça de veneno*, a *caldeira (ou tina) de azeite* fervente e a *palma* do Paraíso.

1. A título de autor de um Evangelho e do Apocalipse, tem como atributo uma *águia* que lhe serve de estante ou lhe apresenta um *tinteiro no bico*. Nas miniaturas carolíngias, às vezes, ele mesmo está *representado com cabeça de águia (aétocéphale)*.

2. Nos ciclos dos apóstolos tem como emblema uma *taça envenenada* de que escapa o veneno exorcizado por um sinal da cruz, em forma de *dragãozinho de uma ou várias cabeças*.

O atributo da taça envenenada que apareceu, tardiamente, no século XIII, é muito infrequente na pintura italiana, que o substituiu por *um livro*.

No século XVII já não se compreendia o significado do dragãozinho alado, símbolo do poder do veneno, saindo da taça, e desapareceu nas obras de Lanfranc, Zurbarán e Rubens.

Visto que, de acordo com a tradição recolhida pelo Pseudo-Isidoro de Sevilha, se havia intentado envenenar São João pelo cálice eucarístico, *a taça envenenada, com frequência, tem a forma de um cálice* onde, em lugar do dragão, encima recipiente representando-se uma *hóstia*. Esta variante se explica por um despropósito iconográfico e uma contaminação com os atributos habituais de Santa Bárbara.

3. A *caldeira* de azeite fervente recorda o suplício da Porta Latina.

4. A *palma* que segura São João não é, em absoluto, a do martírio, mas a que um anjo levava à Virgem e que ela, em seu leito de agonia, confiou a S. João para que a levasse à frente do seu féretro no funeral, com o fim de espantar os demónios. Não é um atributo constante, como a taça, mas *ocasional*, reservado a três temas bem determinados: o Trânsito, o Enterramento e a Assunção da Virgem.

1. Figuras

São João aparece representado quer isoladamente, quer formando par com Cristo na Santa Ceia, quer com a Virgem ao pé da Cruz, quer agrupado com o seu homónimo São João Baptista ou com os demais apóstolos e evangelistas.

Figuras isoladas

Século VII: Mosaico. Capela arquiépiscopal, Ravena.

Século XI: Evangeliário de São Medardo de Soissons. B.N., Paris.

Século XIV: Miniatura das Horas do marechal de Boucicaut. Museu Jacquemart André, Paris. O fundo está coberto de águias de ouro em losangos. – Giovanni del Biondo. Uffizi, Florença. São João calca as alegorias da Soberba, Avareza e Luxúria.

Século XV: Donatello. Estatua de mármore. 1415. Está sentado com expressão feroz e barba grande, com a mão apoiada sobre o seu Evangelho. Ópera del Duomo, Florença. - Alesso da Durazzo. Catedral de Trogir (Trau). Dalmácia. - Fra Angelico. Fresco. Capela de Nicolau V no Vaticano. São João é um ancião de barba branca. - Estátua de pedra. Colegiada de Sainte Gertrude, Nivelles. - Quadro atribuído ao Mestre de Moulins. São João protegendo Ana de Beaujeu, filha de Luis XI de França. Museu do Louvre. - Estátua. Igreja de Poligny, Jura. O santo apresenta um livro aberto.

Século XVI: Correggio. Catedral de Parma. A águia pousada a seus pés depena uma asa. - Peter Vischer, Relicário de São Sebaldo. Igreja de São Sebaldo. Nuremberg. - João de Valmaseda. Madeira talhada. Catedral de León. A águia tem um tinteiro no bico. - Flaminio Vecca. Estátua. Igreja de Santa Maria in Vallicella, Roma.

Século XVII: Dominichino. Ermitage (San Petersburgo) y Brera (Milán). No céu plana uma águia com uma pena no bico; junto de São João, de um cálice envenenado sai uma pequena serpente.

Figuras agrupadas

1. *São João apoiando a cabeça sobre o peito de Cristo*

2. *São João formando par com a Virgem junto à Cruz*

Às vezes, por influência da arte bizantina, se representa, barbudo.

Siglo XII: Vitral da Crucifixão. Catedral de Châlons sur Marne. - Miniaturas otomanas.

Siglo XVI: Estátua de madeira que, outrora, decorava a viga da gloria da abadia de Beaugerais, em Turena, daí passou para a igreja de Loché sur Indrois (Maine et Loire).

3. *Os dois santos João*

It.: I due S. Giovanni. Cast. Arc.: Los dos Sanjuanes. Fr.: Les deux saints Jean. Ingl.: The two St. Johns. Al.: Die beiden Johannes.

A associação dos dois santos é frequente na iconografia da Idade Média e do Renascimento, não só porque têm o mesmo nome, mas porque se cria que a data da morte do Evangelista coincidia com o aniversário do nascimento de São João Baptista.

A cidade de Valência tem uma igreja *dos Santos Juanes*.

Sejamos todos pois muito devotos deste gloriosíssimo e beatíssimo apóstolo, encomendemo-nos a ele com muita devoção e tomemo-lo por intercessor. Olhemos para as suas virtudes e exemplos e entendamos que a sùmula da perfeição cristã consiste na caridade, em amar e ser amados por Deus e amar o próximo, por amor a Deus.

Cfr. Padre Pedro de Ribadeneira, Flos Sanctorum, t. III, p. 638-650, Barcelona 1790
Cfr. Louis Réau, Iconografía del arte cristiano, t.2 vol. 4, p. 186-199, Ed. del Serval, Barcelona 2001
Trad. Composição: MA